

5.

Conclusão: Perspectivas Eclesiológicas

É fato a afirmação de que vivemos um tempo de profundas mudanças. Assim, é justamente diante do contexto da grande e radical mudança de época, que a Igreja deve olhar-se a si mesma com olhar crítico e de esperança, para trazer à luz pensamentos, práticas e estruturas que apontam para uma necessidade de conversão³⁴⁶. Os novos desafios, que obrigatoriamente apresentam novas perguntas, impõem igualmente novas respostas. A Igreja é chamada a situar-se no novo contexto e assumir os novos desafios oriundos dele.

Os desafios são inúmeros. Isto obriga a Igreja a vir a ter uma constante atitude de humildade e a reconhecer a complexidade da realidade sem se esquivar dela, por mais dura e desconcertante que seja. Buscaremos, nesta parte final, apontar algumas perspectivas para a Igreja neste início do século XXI. Não se trata de reflexões fechadas. Não existe uma solução única e globalizadora. Contudo, é momento de começar a articular novas respostas aos novos desafios e saber que, como indica o nosso estudo, a partir da tradição do Vaticano II e das Conferências Gerais do CELAM constata-se que a Igreja da América Latina e do Caribe já é uma Igreja adulta, que pode dar contribuições importantes para a Igreja Universal. Dessa forma, ela espera ser valorizada por sua teologia, por suas Comunidades Eclesiais de Base, por sua religiosidade popular, por sua espiritualidade encarnada na vida concreta, por sua maneira popular de ler a Palavra de Deus, por sua experiência na análise permanente da realidade, por seus planos pastorais, pela criação de seus ministérios, pela promoção de seus leigos, e, por suas iniciativas para que o Evangelho chegue a todas as pessoas levando esperança.

O Documento de Aparecida reiteradamente afirma que se deve reconhecer o que a Igreja foi, mas também se deve ver o que precisa ser no futuro. Neste momento histórico a Igreja Católica, identificada ao longo dos

³⁴⁶ “Não é mais suficiente manter, adaptando aquilo que houve; é preciso reconstruir. Tal reconstrução só pode ser feita validamente a partir de uma revisão muito corajosa”. Cf. CONGAR, Yves. “Renovação do Espírito e Reforma da Instituição”. In: *Concilium* 73 (1972), p. 312.

séculos com o Ocidente europeu, deve voltar sua atenção para outras partes do mundo. A maioria dos cristãos e católicos se encontra agora na Ásia, na África e na América Latina.

A Igreja da América Latina e do Caribe tem uma experiência cristã muito rica e original. Foi forjando um estilo próprio de viver o Evangelho, contribuindo dessa maneira com a Catolicidade há mais de meio milênio. Este discernimento, buscando ouvir e captar o que Deus está dizendo à comunidade eclesial como um todo desde estas margens da história que constantemente foram esquecidas e desvalorizadas e às vezes até mesmo afirmado que não poderiam fazer contribuições significativas para a Catolicidade, porque nasceram para escutar, obedecer, repetir e aprender e nunca para criar, pode ser uma excelente oportunidade de abertura e mudança para toda a Igreja e um momento especial de um novo começo e fortalecimento da fidelidade no seguimento de Jesus em novas bases, novas posturas e novos paradigmas.

A teologia pós-conciliar insiste no fato de que a Igreja não deve mais configurar-se como uma instituição baseada sobre um eixo de contraposição clero e laicato – tributário de uma eclesiologia que se funda na distinção e separação de duas categorias desiguais de cristãos –. O Concílio Vaticano II afirma que todos pertencemos ao único Povo de Deus e dentro dele temos a mesma dignidade, o mesmo valor aos olhos do Senhor e idêntica vocação à santidade. Este modelo eclesiológico da Igreja como Povo de Deus que a *Lumen Gentium* propõe para a autocompreensão da Igreja, pode dar uma grande contribuição a todos os batizados neste momento de grandes desafios.

Trata-se de um modelo que concebe a comunidade eclesial a partir daquilo que é mais fundamental para todos os seus membros: o Batismo que configura a todos e a cada um a Jesus Cristo, Senhor e Mestre a quem todos desejam seguir e servir. A partir desta dignidade que a todos iguala é que surgem os ministérios como serviços e não como privilégios³⁴⁷.

É preciso caminhar na superação da distância entre os membros do corpo do Senhor para que a comunhão na Igreja seja cada vez mais uma realidade, e reconhecer que há uma Igreja toda ela co-responsável, dada a radical igualdade em dignidade de todos os ministérios. A Conferência de Aparecida valoriza o

³⁴⁷ Cf. BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “A Igreja ante os desafios do presente”. In: http://www.adital.com.br/hotsite_ecumenismo/noticia.asp?lang=PT&cod=47385, acessado em 02 de dezembro de 2010.

laicato tanto na inserção no mundo (DAp, 210), quanto no interior da Igreja (DAp, 211), destacando sua importância como elo de ligação entre a Igreja e a sociedade (DAp, 497a)³⁴⁸.

No Espírito do Vaticano II, não se pode ignorar que:

As alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração (GS,1).

Esta proposta insiste no fato de que a Igreja se encontra dentro do mundo e, por isso, deve participar das realizações e das dificuldades do ser humano moderno. Esta consciência permitiu à Igreja descobrir novos campos pastorais e novos temas para sua reflexão, como por exemplo, a preocupação com a dignidade da pessoa humana e o aspecto antropológico da realidade. Onde a vida estiver fragilizada, ameaçada, a Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre os povos. Esta direção vai se tornando presente nos Documentos da Igreja e se constituindo uma importante contribuição para a Igreja no mundo inteiro. Em dois momentos, por exemplo, os bispos latino-americanos expressam esse compromisso. O primeiro se refere à compreensão explicitada em Santo Domingo:

A nós, pastores, comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida (SD, 179).

O segundo está retratado no tema da Vª Conferência de Aparecida: “Missionários/as e discípulos/as de Jesus Cristo para que nEle nossos povos tenham vida” (DAp, 1).

³⁴⁸ O tema *ministérios* assume caráter de centralidade na proposta evangelizadora de Aparecida. Para que haja a iniciação cristã e a efetiva vida em comunidade é necessária esta acentuação da dimensão ministerial. O Documento de Aparecida se refere aos ministérios mais diretamente ligados à vida das comunidades (Cf. DAp, 99c). Contudo, alargando o seu horizonte de compreensão ministerial percebe-se que, para cada opção pastoral, decorre a exigência de novos ministérios, no âmbito, por exemplo, do ecumenismo (DAp, 231), do mundo da educação (DAp, 483), e ainda, ministérios da acolhida e do aconselhamento (DAp, 397). Cf. AMADO, Joel Portella. “Mudança de época e conversão pastoral: Uma leitura das conclusões de Aparecida”. In: *Atualidade Teológica* 30 (2008), pp. 314-315; CROZERA, Paulo. *Os Ministérios*. Brasília: CNBB, 2008, pp. 45-60.

O cristianismo se reporta a Jesus de Nazaré e este proclama que veio para que todos tenham vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10). Isto não pode ser negado. Desde Medellín (1968) e Puebla (1979) se afirma que a América Latina é o *Continente da Esperança*. O papa Bento XVI, em Aparecida (2007) acrescentou que é o *Continente da Esperança e do Amor*. Contudo, uma das primeiras coisas que ressaltam neste Continente são as enormes e múltiplas contradições de toda espécie que humilham os filhos e filhas de Deus³⁴⁹. E quando a realidade se apresenta em contradição com a promessa, não basta apenas denunciar e condenar e nem apenas indicar uma nova utopia, mesmo quando necessária para manter acesa a esperança. É preciso estar presente e agir³⁵⁰. Eis o grande desafio que se apresenta: voltar à Igreja que Jesus queria e os apóstolos nos deixaram (cf. DAp, 31). Uma Igreja que assume a realidade com seus clamores e suas debilidades. Fundada na Palavra e no Espírito para viver perto do povo. Sacramento libertador do Reino. Comunidade de Deus sem fronteiras. Orante, fraterna e solidária. Ministerial, dialogante, profética e pobre. Respeitosa da pluralidade. Que valoriza os dons e ministérios que cada um recebeu do Espírito³⁵¹. A Igreja hoje, mais do que nunca, precisa descentrar-se de suas questões exclusivamente internas e sintonizar-se com as grandes aspirações da humanidade. Desafios tais como processos de exclusão, urgência de uma nova ordem internacional, direitos humanos, emancipação da mulher, ecologia humana, etc., dizem respeito também ao Evangelho³⁵². A fraternidade universal e uma humanidade “com vida em abundância” é a vocação missionária à qual o cristianismo está chamado a ser sinal e sacramento³⁵³.

Para o teólogo Clodovis Boff, a Igreja necessitará ser *pneumática*, e não somente cristológica: mais sopro que eficiência, mais inspiração que

³⁴⁹ “É importante levar em consideração que as maiores desigualdades sociais, em nível mundial, são registradas na América Latina”. Cf. CARRIQUIRY LECOUR, Guzmán. *Uma aposta pela América Latina: memória e destino histórico de um Continente*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 29.

³⁵⁰ Cf. COMBLIN, José. *Desafios aos Cristãos do Século XXI*. São Paulo: Paulus, 2000, pp. 13-17.

³⁵¹ Cf. MERLOS, Francisco. “A missão como conversão pastoral”. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (orgs.). *A Missão em Debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010, pp. 213-214.

³⁵² CELAM. *Globalización y Nueva Evangelización en América Latina y el Caribe: Reflexiones del CELAM 1999-2003*. Bogotá: CELAM, 2003, pp. 120-128.

³⁵³ Cf. QUEIRUGA, Andres Torres. *O Cristianismo no mundo de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1994.

instituição, mais comunidade que sociedade. Deverá ser igualmente, orante e adorante, à escuta da Palavra, à mesa do banquete eucarístico. Uma Igreja *amorosa*, de comunhão e alegria, e *mistagógica*, catecumenal, que caminhe sempre para o encontro vivo com Cristo. Entretanto, uma Igreja assim *pneumática*, não significa assumir uma postura intimista, mas *profética*. A Igreja deverá recordar que o *núcleo ético* da mensagem de Cristo é o *amor agápico*, o “coração do Evangelho”; um *falar* de Cristo ardoroso, entusiasmado e radiante – o que não significa, sem mais, proselitismo religioso e marketing da fé – . Ela deverá ser também Igreja de *diálogo*, que acolha as diferenças, incluyente, aberta, larga, magnânima e generosa. E, finalmente, deverá ser a Igreja *da misericórdia*, especialmente com o sofredor, o excluído, o perdido e, até, o inimigo³⁵⁴.

A missão da Igreja é evangelizar (cf. DAp, 30-32). Ela busca cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes, ensinando o caminho da vocação de discípulos missionários. Este processo mostra que não se pode ser cristão fora de uma comunidade. É por meio das comunidades que Jesus Cristo se torna presente e atualiza sua missão salvífica. A Igreja da América Latina, no interior de um mundo marcado pelo individualismo com a hegemonia do neoliberalismo, é chamada a continuar contribuindo com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, fará isso com a criação e fortalecimento de comunidades eclesiais consequentes com a prática histórica de Jesus de Nazaré, assumindo a opção pelos pobres e excluídos³⁵⁵, uma vez que “toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendental do ser humano e por todas as suas necessidades concretas, para que todos alcancem a plenitude que Jesus Cristo oferece” (DAp, 176).

³⁵⁴ Cf. BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

³⁵⁵ “O que se esconde atrás da opção pelos pobres? Escondem-se duas visões extremamente originais. A primeira: os pobres não são apenas pobres; eles têm a força de utopia, de reflexão e de prática; eles são sujeitos históricos; eles podem, junto com os outros, transformar a sociedade perversa sob a qual sofremos. Essa visão vai contra todo assistencialismo histórico das Igrejas que trabalham para os pobres mas nunca com os pobres e a partir da ótica dos pobres. A segunda visão afirma: os pobres, em sua grande maioria cristãos, ajudam a fundar um novo modelo de Igreja, mais enraizada na vida cotidiana das pessoas, mais comprometida com a justiça, mais organizada sob a forma da comunhão e da participação do que sob a forma da hierarquização e da subordinação”. Cf. BOFF, Leonardo. “Contribuição da eclesiogênese brasileira à Igreja universal”. In: *Concilium* 296 (2002), pp. 377-378; A solidariedade, a compaixão e a opção pelos pobres é a linha mestra que perpassa toda a mensagem revelada, expressando a escandalosa parcialidade de Deus na defesa do inocente. Cf. SOBRINO, Jon. “Aprender a unir lo divino y lo humano”. In: *Sal Terrae* 91 (2003), pp. 817-829.

No Continente latino-americano, as Comunidades Eclesiais de Base, que são uma rede de experiências eclesiais diversificadas, respondendo com criatividade aos desafios da história, têm assumido esta proposta, mostrando que a transformação da sociedade não se faz de cima para baixo, mas se prepara dentro dela³⁵⁶; são a Igreja que se experimenta na base, sem perder sua identidade de fé cristã católica, com práticas que procuram seus caminhos sinalizando sempre há ligação entre evangelização, promoção humana e libertação. Já o Documento de Aparecida afirmava que “a opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres” (DAp, 398), assim, a convivência com os pobres e os novos excluídos na vivência de um testemunho de serviço pode significar muito para a recuperação do sentido da vida humana.

A teologia latino-americana, tomando a sério a economia, trouxe à tona a exigência do reconhecimento do outro enquanto alteridade negada no âmbito econômico, concretamente o pobre ou o empobrecido, ainda que consciente de que não é o único fator gerador de pobreza (...). É hora de a Igreja tirar as consequências do Evangelho social de Jesus Cristo, para que a religião cristã seja de fato experiência salvífica, na esfera tanto pessoal como social. Está em jogo a credibilidade não só da Igreja mas também do próprio Evangelho. Nesse sentido, a Igreja na América Latina e Caribe e sua teologia tem dado contribuição valiosa, conforme testemunham seus mártires das causas sociais, que também são uma forte interpelação à Igreja Universal³⁵⁷.

A Igreja, no contexto atual, tem a responsabilidade de apresentar, de modo claro e significativo quem é o Deus em quem acredita e sabe ser o sentido único para a vida. É por isso que a Conferência Geral mais recente do Episcopado Latino-Americano foi realizada sob o enfoque missionário: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nEle nossos povos tenham vida”. Ao reconhecer o *despertar missionário* da Igreja na América Latina e no Caribe, Aparecida convoca todos os seus membros a se pôr “em estado permanente de missão” (DAp, 551) para, justamente, tornar realidade a proposta do seu tema central. Para tanto, o Texto Conclusivo aponta três

³⁵⁶ Cf. SOUZA, Luiz Alberto Gómez. *Do Vaticano II a um novo Concílio? O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 131-147. Para este autor novos horizontes se descortinam para as CEBs – hoje, nelas, se priorizam os temas de gênero, de subjetividade, de raça, do corpo e do prazer, da ecologia.

³⁵⁷ Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A Missão Evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006, pp. 36-37. A retomada da memória dos mártires (cf. DAp, 140; 275) contribui para que se compreenda uma nova concepção de Igreja, na medida em que o testemunho deles mostra a importância da ligação da fé com a vida em todas as suas dimensões. O reconhecimento oficial dos mártires pode dar um grande impulso à evangelização no Continente.

âmbitos nos quais se desdobra essa missão como caminhada que gera vida: a paróquia missionária, a missão continental e a missão *ad gentes*.

Contudo, todo esse grande chamado à missão só terá sentido se houver um comprometimento em favor da vida em todos os seus âmbitos e se a Igreja se esforçar por assumir visivelmente o processo de *conversão pastoral* em suas instâncias pessoais, comunitárias e institucionais. Isso implica, entre outras coisas, criar dentro dela espaços de maior autonomia para as subjetividades e de acolhida das diferenças³⁵⁸; promover com firme decisão as condições adequadas de missão permanente, especialmente nas relações e espaços intraeclesiais comunitários, para que a Igreja possa dar um testemunho cristão digno de fé.

A conversão pastoral solicitada por Aparecida aponta para “a setorização (das paróquias) em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação que permitam maior proximidade com pessoas e grupos que vivem na região” (DAp, 372). É urgente fazer da paróquia uma rede de comunidades, como o caminho fundamental para a ação evangelizadora em nossos dias (cf. DAp, 99e; 170-180; SD, 58). Na América Latina e no Caribe, referencial de comunidade, estruturalmente com espaço para a autonomia das subjetividades e das diferenças, de tamanho humano, são as Comunidades Eclesiais de Base que, como ressalta Aparecida, retomam o que há de mais antigo na Igreja, a inspiração das primeiras comunidades cristãs; ao mesmo tempo, representam o que há de mais novo, isto é, as orientações do Vaticano II e das Assembléias Gerais do CELAM (cf. DAp, 178). Todavia, o Documento Final da Vª Conferência constata também que como resposta às exigências da evangelização junto com as CEB's existe outras formas de pequenas comunidades (cf. DAp, 180). Neste reconhecimento, vários desafios são apresentados diante do fenômeno das

³⁵⁸ Nessa perspectiva, quanto mais inculturada, quanto mais encarnada em cada cultura a Igreja estiver, tanto mais será universal e católica. E, ao contrário, quanto mais encarnada numa única cultura e presente desse modo nas demais culturas, tanto menos é católica e universal. Dadas as diferenças entre povos e culturas, só há unidade se houver acolhida da diversidade. Quanto mais espaço para as diferenças, mais unida a Igreja será. Cf. *Ibid.*, p. 40. Christian Duquoc ressalta que a universalidade da Igreja se deve não a uma única forma de ser, mas à mesma fé; à sua fonte trinitária e ao dom da salvação que Deus oferece a todo o gênero humano. Cf. DUQUOC, Christian. *Creo en la Iglesia. Precariedad institucional y Reino de Dios*. Santander: Sal Terrae, 2001, pp. 125-129.

novas comunidades³⁵⁹. Existem inúmeras outras tentativas para concretizar este ideal. São iniciativas que giram em torno de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus. Atualmente, contata-se e se reflete a realidade de comunidades de adesão afetiva ou por interesse e não tanto em função do território, comunidades marcadas pela fluidez de vínculos e pelos ajuntamentos pontuais³⁶⁰. Esta mudança é grande, urgente e mesmo irreversível (cf. DAp, 365). No número 513, ao tratar da situação urbana moderna, o Documento de Aparecida menciona a setorização, sem reduzi-la a simples território, mas não explica isto melhor. Certo é que, a prática pastoral ainda está muito arraigada aos princípios territoriais.

Segundo o teólogo Agenor Brighenti, na Igreja, a atual crise de identidade, em grande medida, deve-se às novas perguntas oriundas de um mundo em profundas transformações, que ao exigirem novas respostas, impõem uma nova auto-compreensão de si mesma e uma nova configuração institucional. A crise de identidade, em um momento e contexto particulares, instintivamente leva a revisitar o passado, em busca da experiência originária. Caminha-se ao encontro do referencial histórico, que fundamentou o caminhar até então, para resituá-lo no novo contexto. Mas, há duas maneiras muito diferentes de revisitar o passado, que desembocam em modos diversos de configuração da identidade: uma, é revisitá-lo a partir da instintiva atitude de medo e de autodefesa, que leva a reafirmar a identidade ‘de sempre’, ou seja, de ontem; outra, é revisitá-lo a partir da urgência do presente, propondo-se a uma refundação da identidade, na fidelidade à experiência originária, em perspectiva de futuro³⁶¹.

O Concílio Vaticano II realizou um “voltar às fontes”, em busca, não da repetição do passado no presente, mas de uma recepção criativa da experiência originária, no novo contexto. Para esta postura, por um lado, a crise de

³⁵⁹ Cf. GOMES, Sandro dos Santos. *As novas comunidades católicas: rumo a uma cidadania 'renovada'?*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. São Paulo: Paulinas, 2005.

³⁶⁰ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Vozes, Petrópolis, 2008; MAFESOLLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

³⁶¹ Cf. BRIGHENTI, Agenor. “Os desafios para a Igreja no século XXI”. Texto disponível em: <http://www.cnl.org.br/?system=publicacoes&cid=22>, acessado em 05 de dezembro de 2010.

identidade não é necessariamente fruto do distanciamento ou da traição da experiência originária, mas resultado do dinamismo da história, que exige das identidades uma atualização permanente. Por outro, na busca da experiência originária, não se pode desconhecer que a origem é objetivamente inacessível.

Assim sendo, um desafio complexo que se apresenta é a renovação da instituição. As estruturas são um elemento fundamental da visibilidade da Igreja, pois afetam decisivamente seu caráter de sinal ou sacramento³⁶². É preciso analisar até que ponto sua visibilização institucional, a configuração histórica, transparece a experiência originária no contexto atual, dando suporte a uma missão e identidade renovadas. Das estruturas em função da missão, deriva uma *ecclesia semper reformanda* (cf. LG, 8; GS, 43). Dado o dinamismo da história e os novos desafios, mudada a ação, muda a identidade e muda também a configuração histórica da instituição. Por isso, também a Igreja precisa ser flexível em suas estruturas, condição essencial para caminhar acompanhando o dinamismo do Espírito e da história. A Igreja é a instituição do intervalo opaco da história, do tempo intermédio, da eternidade na precariedade do presente. Inscreve-se no tempo provisório da eternidade do Reino, garantindo a visibilidade da busca de Deus. Mas, ao mesmo tempo, é testemunha, na precariedade de sua estrutura, da fragilidade e limitações desta tarefa.

O atual momento histórico-social em que a Igreja está inserida, a atual conjuntura, nos convida a ultrapassar o horizonte da uniformidade pastoral e ingressar, com maior empenho, numa pastoral diversificada e, por certo, articulada, sem a qual perderemos muito de nossa força testemunhal, interpeladora e propositiva em vista do Reino de Deus. Refletindo sobre o perfil do agir missionário, a Conferência de Aparecida assume com toda clareza a insuficiência da chamada *pastoral de conservação* (DAp, 370). Chegando até a afirmar que algumas formas de fazer pastoral, formas que até deram certo em outras épocas, por não mais responderem aos anseios de nosso tempo, tornam-se causa de abandono da Igreja (DAp, 225). Daí o imperativo de uma corajosa busca de novos caminhos para evangelizar e formar

³⁶² Cf. COMBLIN, José. “América Latina: presente e futuro, esperança e temor”. In: *Vida Pastoral* 216 (2001), p. 14.

comunidades, coragem que exige até mesmo o abandono de “estruturas ultrapassadas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp, 365-366).

A fé cristã nos introduz no seio do Mistério Pascal, marcado pelo êxodo e a exigência do *nascere de novo*, em meio à realidade de um mundo, cada vez mais dinâmico, complexo e plural. As identidades, capazes de situarem-se numa relação dialogal com esse mundo, tal como é a missão da Igreja, são aquelas que continuamente se refundem desde a urgência do presente, na fidelidade à experiência originária e na perspectiva do futuro que lhes espera. Assim, é decisivo, para o atual momento histórico, discernir os desafios de uma mudança de época que já se está processando entre nós e esboçar como Igreja Continental uma resposta profética, fiel e criativa.

O teólogo Pablo Richard, ao fazer uma análise crítica do Documento conclusivo da Vª Conferência, afirma que: “Aparecida é mais que um documento, é um caminho, uma tarefa, uma esperança”. E interroga:

O que teremos que fazer agora? Primeiro: superar confusões, medos e desconfianças estéreis. Segundo: formar os sujeitos (pessoas e comunidades) capazes de reconstruir a identidade da Igreja. Os textos e a teologia não mudam a Igreja. Esta se transforma quando existem mestres e profetas, ministros e leigos, movimentos e organizações, capazes de reconstruir estruturas e ministérios novos, novos modelos de Igreja e novos espaços onde seja possível uma profunda autocrítica da Igreja e uma reprogramação de novas atividades missionárias³⁶³.

Não encontramos no Documento de Aparecida um novo modelo, pronto e definitivo, de presença evangelizadora que seja uma resposta madura ao conjunto dos desafios que caracterizam a mudança de época que estamos vivendo. Tal procedimento teria significado pôr em prática uma metodologia pastoral concebida de *cima para baixo* que não retoma nem estimula o compromisso criativo de nossas Igrejas locais e de suas comunidades. Os bispos confiam na fidelidade e na criatividade das Igrejas locais para assumirem uma pastoral decididamente missionária (DAp, 370). Agora é a hora da recepção de Aparecida, que nos convida a ir mais adiante, peregrinar com Aparecida além de Aparecida. O que está em jogo é a “vida de nossos povos”, que se encontra ameaçada e ferida, e o cumprimento do mandato do

³⁶³ Cf. RICHARD, Pablo. “Aparecida: una versión breve y crítica del Documento Conclusivo”. Texto disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=31492>, acessado em 05 de dezembro de 2010.

Senhor Jesus de evangelizar. Por isso, urge uma autêntica e profunda conversão pastoral que possibilite encontrar caminhos de abertura ministerial e compromisso profético para corresponder às necessidades da Igreja servidora em estado permanente de missão que defende e acolhe a vida que o Espírito faz nascer em nosso mundo. Também na América Latina.